

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DE SE TIRAR O CHAPÉU
04 de agosto de 2022

THE GANG'S ALL HERE / 1943

(*Sinfonia de Estrelas*)

um filme de **Busby Berkeley**

Realização: Busby Berkeley / **Argumento:** Walter Bullock, baseado numa peça de Nancy Wintner, George Root e Tom Bridges / **Fotografia:** Edward Cronjager / **Música:** Alfred Newman / **Canções:** "The Lady in the Tutti-Frutti Hat", "The Polka Dot Polka", "A Journey to a Star", "No Love, no Nothin'", "Minnie's in the Money", "You Discover You're in New York", música de Harry Warren, letra de Leo Robin; "Brazil", música de Ary Barroso, letra de S. K. Russell / **Coreografia:** Busby Berkeley / **Interpretação:** Alice Faye (Eadie), Carmen Miranda (Rosita), Phil Baker (o próprio), Benny Goodman (o próprio), Eugene Pallette (Mr. Mason), Charlotte Greenwood (Mrs. Peyson Potter), Edward Everett Horton (Peyson Potter), Tony De Marco (o próprio), James Ellison (Andy Mason), Sheila Ryan (Vivian), Dave Willock (Sargento Casey), Mirian Lavelle (bailarina).

Produção: William LeBaron para a 20th Century Fox / **Cópia:** dcp, cores, com legendas eletrónicas em português, 103 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 1 de Dezembro de 1943 / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, 17 de Dezembro de 1944.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

"Aqueles que consideram Berkeley um mestre, acham que este filme é a sua obra-prima", escrevia-se no *New Yorker* em 1976, quando ainda havia quem tivesse dúvidas. Nestes vinte anos cada vez menos as há. E se as premissas estão certas – como estão – a conclusão também o está: **The Gang's All Here**, feito por Berkeley para a Fox, onde reencontrou uma liberdade que a Metro raras vezes lhe dera, funde as suas colossais invenções da fase Warner com a controlada aprendizagem do ritmo da fase Metro.

À partida, o filme inseria-se no género, então fundamentalmente cultivado por Hollywood, dos "musicais" patrióticos, com tanto de "escapismo" quanto de tónus revitalizador do moral das tropas. A guerra em **The Gang's All Here** não é nem um acidente, nem um pretexto. Tudo gira em torno dessa instituição fundamental que foi a *canteen* e não é nada secundário que o "galã" seja um herói, que receba como prémio condecorações e Alice Faye. Muito menos secundário é que um dos momentos mais cuidados do filme – e que maior êxito obteve – seja o "No Love, no Nothin' / Until My Baby Comes Home" cantado por Alice Faye. Num *décor* preenchido por elementos masculinos (cachimbo, meias, chinelos), com uma combinação sem "conteúdo", o que fica é a promessa de fidelidade ao detentor de tais objectos, tanto tempo quanto durar sua ausência. Promessa que inclui não só a ausência de amor (por outro ou outros) como explicitamente a ausência de "nothing". Não será exagero pensar na eficácia de tal canção sobre saudades (ou desejos) mais vacilantes e a voga que ela conheceu dirá alguma coisa sobre a necessidade da afirmação feita. Não era só na frente de batalha que era preciso fortalecer convicções. Quem ficava em casa, precisava de receber a mesma força.

Mas, dito isto, o que hoje mais se nos impõe e continua a manter **The Gang** em lugar altíssimo é a grande arte de Berkeley.

Dois momentos são praticamente inesquecíveis: o célebre "The Lady in the Tutti-frutti Hat" na primeira metade do filme e o "The Polka Dot Polka" com que **The Gang** termina.

Quando, no primeiro desses geniais "números", vemos o grande plano admiravelmente colorido das frutas tropicais, ainda estamos longe de imaginar o que se vai seguir. Que "aquilo" é apenas o chapéu de Carmen Miranda, abrindo e erigindo-se depois, na mais aparatosa simbologia, para permitir à atriz a dança entre gigantescas frutas, todas cumprindo a mesma função (na mais explícita e implícita das alusões) culminando na *endlessly erectile banana* cobrindo os círculos das *pin ups*, envolvendo-as e "engolindo-as". Tudo isto num *travelling* de cortar a respiração (já se lhe chamou "*the cinema's most breathtaking travelling shot*") e num delírio de imaginação que poderá ser igualado, mas dificilmente ultrapassado.

No "The Polka Dot Polka" são os efeitos caleidoscópicos, a partir do negro inicial (como no princípio do filme) multiplicando-se em efeitos de luz e desdobramentos de imagem que é inútil tentar descrever. Quem prestar a esse bailado a atenção que merece e conhecer bem a pintura americana dos anos 60-70, ou a chamada Pop Art, perceberá as íntimas relações entre essa pintura e Berkeley e a razão pela qual Andy Warhol considerou este "*o maior artista americano do século*". Mais ainda do que nos filmes da Warner a obsessão da duplicação anuncia e enumera o que na pintura se faria vinte e trinta anos depois.

Falei dos momentos culminantes do filme. Mas, desde que do écran em negro um raio luminoso emerge para depois iluminar um *décor* (descarregamento de frutas) que só passados alguns momentos descobrimos ser "teatro", as surpresas neste filme não acabam. Como os fatos, os chapéus e os turbantes de Carmen Miranda mudam no "interior" da mesma sequência, passando de quarto para quarto, o *décor* é a permanente variação ao sabor da mais delirante imaginação (pense-se ainda na dança dos miúdos).

Haveria ainda que falar das maravilhas do Technicolor; dos magníficos actores que são Everett Horton e Eugene Palette; da extraordinária Charlotte Greenwood alterando a sua "fachada" de mãe de família para a assombrosa dança com o assombrado jovem; dos *gags* magníficos desde o da gata e telefones até ao dos beijos de Carmen Miranda (o *ketch-up*), da magia que vem de Benny Goodman. Num filme construído em "números" na boa tradição do "musical" americano, cada um deles, nos variados registos, é um achado de uma invenção aparentemente espontânea e "ingénua" e realmente elaborado até ao mais ínfimo pormenor.

The Gang's All Here é minuto a minuto a confirmação das seguintes palavras de Berkeley que, a findar, se transcrevem: "*Trabalho e crio unicamente em função da câmara. (...) Tenho que estar consciente, em cada instante, do facto de que a única maneira que tenho para me dirigir ao público é através do olhar duma câmara. Precisei, pois, de estudar os poderes específicos deste aparelho e tomá-los no seu devido peso. Assim, atingi uma certa técnica que tem que ver com a maneira de conceber o número, de o filmar, de o montar, etc., a que chamaram 'the Berkeley technic' e que tentaram copiar em vão. Porque a diferença está na concepção. Aconteceu-me ver ultimamente, especialmente na televisão, números musicais muito bonitos, mas que se podem ver também num cabaret ou num teatro. Isso não me interessa. Por que já não tem qualquer relação com o espectáculo cinematográfico que era, para mim, o resultado a alcançar. O que eu fiz deste ponto de vista foi específico. Só se podia fazer em cinema, e mesmo em cinema nunca mais o voltaram a fazer*" (entrevista de 1965).

Efectivamente, houve depois musicais sublimes e certamente mais elaborados e integrados. Mas nunca mais houve uma explosão onírica (diga-se surreal) desta grandeza. **The Gang's All Here** é o cume duma arte.

A Journey to a Star, Romantic As You Are. E para o românticos ficam bem todas as ousadas, sobretudo as que confirmam que o romantismo começa numa ponta e não acaba em nenhuma. Por natureza, envolve tudo, de Alice Faye a Carmen Miranda, das roupas sem dono, aos símbolos com dono. E para dona.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico